

Eliane Brum e a arte da escuta

Agnes Francine de Carvalho Mariano

RESUMO

Na entrevista a seguir, a jornalista gaúcha Eliane Brum descreve o seu método de trabalho. Eliane é autora de perfis, reportagens, livros e documentários que receberam cerca de 60 prêmios no Brasil e exterior. Aqui, ela explica como surgem as ideias de pauta e como localiza os entrevistados. Também fala sobre a sua forma peculiar de entrevistar e sobre a relação com os entrevistados, que frequentemente não termina com a publicação do texto. Indo na contramão das concepções mais superficiais do jornalismo, ela conta que prefere ouvir ao invés de perguntar, que as suas entrevistas são sempre longas – pois duram o tempo que o entrevistado necessitar – e que continua sendo transformada por cada reportagem que faz.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo. Entrevista. Reportagem. Perfil. Livro-reportagem.

Eliane Brum é uma jornalista rara. Ela não se poupa, levando às últimas conseqüência o sentido da palavra empatia: a disposição para se colocar no lugar do outro. Indo na contramão das concepções mais superficiais da profissão, não abre mão de ir para a rua, pergunta pouco e ouve muito, pois acha que o seu trabalho é a escuta. Mas escutar, diz ela, é muito mais do que ouvir: “É estar aberto para se surpreender”. O que exige “se despir daquilo que tu és, dos teus preconceitos, da tua visão de mundo”. Como resultado, produz um trabalho de embasbacar, sempre transformador para os entrevistados, os leitores e para ela própria. Os seus textos não trazem só informação, revelam experiências de vida. De um jeito sutil e criativo, contam histórias de gente, compartilhando um olhar amoroso a respeito de mundos e personagens normalmente esquecidos ou silenciados. O seu trabalho já foi taxado de “pouco jornalístico”, mas se impôs. Escrevendo reportagens e perfis para o jornal *Zero Hora*, Revista *Época* e, mais recentemente, como documentarista, Eliane já recebeu cerca de 60 prêmios no Brasil e exterior. Alguns dos seus textos foram depois republicados em livros, como *Coluna Prestes: O avesso da lenda* (Artes e Ofícios), *O Olho da rua* (Globo) e *A vida que ninguém vê* (Arquipélago Editorial), ganhador do Prêmio Jabuti na categoria livro de reportagem, em 2007. Em 2011, publicou a ficção *Uma Duas* (Leya). Apesar do currículo extenso e do sucesso, ainda tem jeito de menina, voz suave, inconfundível sotaque gaúcho (natural de Ijuí), paciência infinita e a certeza de que “nenhuma matéria é mais importante do que uma pessoa”. Na entrevista a seguir, Eliane descreve seu método de trabalho, assume equívocos, fala do seu amor pela reportagem, de descobertas, acertos e, assim, mesmo sem querer, aponta muitos caminhos.

Pergunta: Como você localiza as pessoas para as entrevistas, especialmente para os perfis, aqueles textos mais centrados na história de vida de alguém?

Eliane Brum – Não tem uma regra. Em geral, cada pauta já surge dentro da pauta que eu estou fazendo. Vou para a rua fazer alguma coisa e sempre volto com umas quatro, cinco pautas diferentes. As pessoas vão trazendo. Na *Vida que ninguém vê* era um pouco diferente. Essa história começou meio: “Vamos fazer uma reportagem do cotidiano, uma crônica cotidiana”. Não tinha uma forma, ela foi sendo construída. Eu me lembro que a primeira que eu fui fazer – não foi a primeira publicada, mas foi a primeira – eu fui para o centro, porque centro é o lugar mais rico. E fiquei ali, que é o que eu faço sempre. Sempre que eu chego em algum lugar, mesmo que eu já vá pautada, eu nunca chego falando, nem chego chegando. Eu sempre fui uma pessoa

de canto. Sou muito mais “olhadeira” e “escutadeira”, que “faladeira”, “perguntadeira”. Eu sempre olho muito e fico escutando, tentando ver o que está acontecendo. E foi assim que eu encontrei o comedor de vidro, que foi a primeira “A vida que ninguém vê” que eu fiz. Estava cheio de rodinhas no centro de Porto Alegre e ele estava sem nenhum público. Ele estava com um fio de sangue escorrendo no canto da boca e tinha lágrima nos olhos. Eu vi aquela cena, aquele homem solitário, e fui conversar com ele. É aí que ele me conta a história dele: a arte dele era comer vidro, mas o que perfurava ele era a invisibilidade, porque ele não tinha público. Isso machucava ele.

A segunda matéria, que acabou sendo a primeira a ser publicada, “Sinal fechado para Camila”, era algo que eu sempre sonhei fazer. Eu fazia eventualmente plantão de polícia, e no plantão tu tinha que ligar para todas as delegacias, todos os postos policiais, hospitais, IML, para ver o que que tinha acontecido. E sempre ficava muito incomodada, indignada, com a ideia do “crime importante”. Ligava para o policial e cansava de ouvir: “Não, não aconteceu nada, só morreu um chibungo”. Então, tinha gente que podia morrer e tinha gente que não podia morrer. Tinha morte que era mais importante que outra. Isso me incomodava muito. Aí, quando tive esse espaço, em que eu podia contar a história que queria, ampliei uma dessas mortes que, no máximo, se fosse publicada, seria uma nota, que foi a da Camila. Uma menina que estava sob a guarda do Estado, na Febem, fugiu da Febem com as amiguinhas para tomar banho de rio e se afogou no Guaíba. Então eu fui atrás da história da Camila, da Camila nos sinais, a casa da Camila, fui no enterro da Camila e pude contar uma história de quem era essa Camila. Pude ampliar para uma página o que talvez nunca fosse publicado.

É, um pouco, pegar as coisas pelo avesso. Como o cara do aeroporto, que passou a vida no aeroporto, mas nunca voa. Cada história tem um jeito...

Pergunta: E acontece também de alguém te dar uma dica: “Olha, ali tem uma história”?

Eliane Brum – Na coluna, mesmo nas matérias, os leitores começaram a me escrever muito. Eles se identificavam e diziam: “Olha, tem uma história assim”. Como na história do Israel: “Tem um rapaz que vai na escola, ele tem problemas e ele acabou virando aluno”. E teve “O álbum”, que era um álbum de fotografias que foi jogado no lixo. As pessoas não sabiam o que fazer com aquele álbum e mandaram para mim. As pessoas e os colegas davam dicas.

Pergunta: E sobre o momento da entrevista? Eu sei que a gente improvisa, mas você tenta ter certos cuidados? Há situações que você busca? Estar sozinha com o entrevistado? Ir para um cantinho? Ou qualquer situação serve? Como é que você lida com o momento da entrevista?

Eliane Brum – Claro que cada matéria tem a sua história, as suas exigências, mas eu tento, em geral, fazer na casa da pessoa e sozinha. Acho que a casa é muito o que a gente é. A casa me dá muita informação sobre aquela pessoa. Como ela fez a casa dela, como ela vive, como ela lida com a casa, que lugares ela escolhe, qual é o sofá em que ela vai sentar, as coisas que podem acontecer na casa dela durante a entrevista. E tento fazer sozinha, porque eu gosto de sossego e gosto de tempo. As minhas entrevistas, em geral, demoram horas. Eu sou o terror dos fotógrafos e motoristas. (Risos) Todo mundo sabe que eu vou levar umas 4h. Gosto de estar só com o entrevistado e, de preferência, sem o fotógrafo e o motorista. Eu me sinto mais à vontade. Acho que a entrevista é sempre uma relação de confiança. Acontece alguma coisa ali ou ela não acontece.

Eu lancei um livro, *O Olho da rua*, e ali eu falo muito disso que tu está me perguntando. São dez reportagens e, para cada reportagem, eu conto o que acho importante, como aconteceu aquela história. Ali, eu falo sobre a importância de escutar. Escutar é muito mais do que tu ouvir. Escutar é tu não interromper quando a pessoa está falando. É tu não esperar que ela fale uma coisa quando ela não fala o que tu quer e então tu acha que não está bom. Escutar é estar aberto para o espanto, é estar aberto para se surpreender. É tu te despir. Eu acho que cada reportagem, cada entrevista te exige isso: é tu te despir daquilo que tu é, dos teus preconceitos, da tua visão de mundo e chegar o mais vazia para aquele momento e conseguir realmente escutar com todos os sentidos o que aquela pessoa está dizendo. Então, eu tenho todo o tempo do mundo, sempre, mesmo que depois tenha que virar a noite escrevendo, se for o caso. Eu escuto com todo o tempo que for, porque cada pessoa também tem o seu tempo de falar.

Outra confusão que eu acho que se faz, hoje, no jornalismo, é que as pessoas confundem falar com dizer. Em geral, como se faz muita matéria por telefone, por e-mail, a reportagem acaba virando uma seqüência de aspas. E não é isso. Quando a pessoa fala, ela fala também com o seu corpo, fala com o seu olhar, fala com os seus gestos, fala com um monte de coisas. A realidade é complexa. E quando ela para de falar, ela não parou de dizer. Ela continua dizendo com o seu silêncio. Ela continua dizendo quando ela hesita. Ela continua dizendo quando ela gagueja. Ela continua dizendo quando ela não consegue falar. Essa escuta que

é o nosso trabalho. A gente não está só escutando palavras, a gente está escutando toda a complexidade desse momento. Eu acho que isso é que faz a diferença. O nosso trabalho é escutar mesmo.

Pergunta: Em história oral, algumas pessoas falam que não se dá “a voz” a ninguém. Dá-se “a escuta”.

Eliane Brum – Que ótimo isso. Eu não sabia.

Pergunta: E você grava essa conversa ou não?

Eliane Brum – Eu sempre anoto. Sempre anoto, porque eu não anoto só as palavras. Anoto as palavras exatas, porque eu não acredito muito em sinônimos. Acho que o sinônimo não é igual, ele é semelhante. E a gente sabe, pelo menos desde o Freud, que a forma como as pessoas dizem o que dizem, as palavras que elas escolhem ou que deixam escapar dizem muito do que elas estão querendo dizer, dizem muito do que elas estão dizendo. Então, tem que ser as palavras exatas, a gente tem que ter esse cuidado. Isso é uma coisa. Mas eu anoto assim: “quando ela me disse tal coisa, ela olhou para cima” ou “a respiração dela ficou entrecortada”. Ou “nesse momento bateram na porta. Ou “ela mexeu no cabelo. Ou “ela ficou de boca aberta”. Eu vou anotando tudo o que vai acontecendo, que eu acho que são informações e fazem parte dessa escuta.

Mas eu tenho gravado também por causa da questão das palavras exatas. Eu fiz uma matéria, que é uma que está nesse livro, que me deixou... Eu tive um problema de coluna bem sério e fiquei com um problema no braço direito. Perdi, por um tempo, parte do movimento, da motricidade fina. Hoje em dia, eu não consigo mais anotar com a velocidade que eu anotava. Como eu corro o risco de perder alguma coisa, então eu gravo. Não posso fazer isso com a pessoa, não posso perder o que ela disse. Eu estou com três hérnias, o meu braço não é mais como era antes.

Pergunta: Tem que poupá-lo, não é?

Eliane Brum - Não dá, não é? (Risos) Eu fico tentando compensar. Eu tenho sempre agora que ficar virada, de frente. Tem umas limitações, que eu fico compensando.

Pergunta: Então você faz um misto de anotação da fala e diário de campo.

Eliane Brum – É isso. Anoto tudo.

Pergunta: Não confia na memória, porque ela trai a gente, não é?

Eliane Brum – Ela trai cada vez mais. Eu não acredito, fico angustiada quando alguém me entrevista e não anota. (Risos) “Meu Deus, como ela vai lembrar?”.

Pergunta: Não vai lembrar... E me diz uma coisa: e a relação com o entrevistado? Você tem esse encontro com ele, que pode ser bastante demorado. Depois, eventualmente, você volta a essa pessoa? Mostra o texto ou só quando é publicado? Como é a relação com essa pessoa que gerou um texto, um perfil, especialmente?

Eliane Brum – Varia muito. Sempre que eu tenho alguma dúvida, eu volto. Ligo mil vezes ou volto na casa da pessoa antes de ser publicado. Não mostro o texto. Acho que é uma relação de confiança. Nunca pedi para ver também. E sempre mando a revista. A pessoa que eu entevisto recebe a revista em casa, junto com os assinantes. Esse é um cuidado que eu sempre tenho.

Eu escrevo sobre isso no livro. Eu conto um pouco no capítulo quinto. É a história do “homem-estatística” e da relação que eu tive com ele. Muita gente me pergunta: “Tu te envolve com as suas fontes?”. Eu digo: “Claro que eu me envolvo”. E se eu não me envolvesse, não ia ter graça, ia fazer outra coisa. Acho que ninguém entra na vida dos outros impunemente. Para mim, o jornalismo vale a pena por várias razões, mas também porque eu sou transformada por aquilo que faço. Eu nunca vou para um lugar e volto igual. Nunca vou para uma vida e volto igual. Eu sou transformada por aquilo que eu conheço, que acontece, que eu faço. Eu me recrio a cada reportagem. E disso fazem parte as relações.

Tem algumas histórias que acabam. Com todo respeito, mas que tu não vê mais aquela pessoa. Por exemplo, tem um documentário que se chama *Uma história Severina*. Tem essa ação da anencefalia que está no Supremo, que ainda não foi votado o mérito. Acho que foi em 2005 que eu acompanhei uma mulher, a Severina. Ela se internou quando estava valendo uma liminar que permitia tu interromper uma gestação anencefálica sem precisar de autorização judicial. Só que, na hora em que ela foi internada, o Supremo derrubou essa liminar e voltou a precisar de autorização. A Severina, que estava com gestação de quatro meses de um feto sem cérebro, foi colocada para fora num hospital no Recife, porque não podia mais fazer.

Então, eu acompanho a saga da Severina, que eu chamo: “o longo dia seguinte que os ministros do Supremo não assistiram”. O que aconteceu com ela depois. Severina era analfabeta, morava

numa cidade dos arredores do Recife e era tão impossível para ela suportar aquela gestação – que era muito desejada, mas que ela sabia que aquele filho ia morrer – que ela e o marido enfrentaram a pobreza e o analfabetismo deles – os dois eram analfabetos – para tentar conseguir uma autorização da justiça. Eu acompanho essa saga judicial. Até que, com sete meses, ela consegue. Acompanho a peregrinação por hospitais, porque, mesmo com a autorização, não foi fácil conseguir se internar. Alguns médicos não queriam fazer ou não tinha vaga. E fico com a Severina nas mais de 30h de trabalho de parto, até que o filho nasceu morto. Ou seja, tive uma relação muito intensa com a Severina na qual ouvi muitas histórias e passei por muitos momentos limite da vida dela.

Eles foram os primeiros a ver o documentário. Quando acabou essa história, a Severina até me ligou duas ou três vezes, a gente se falou, e depois ela parou de ligar. E eu não liguei para ela porque essa é uma história que tinha que ficar para a Severina como uma história contada. Ela mesma disse depois: “Parece uma história”. E ela tinha que deixar isso para trás e seguir a vida dela. Então, essas são histórias que as pessoas precisam seguir. Tu teve uma relação muito intensa com alguém e aconteceu e ficou como história. E é importante que fique como história vivida e história contada.

A história que eu conto no livro é o oposto disso. Acho que foi no início de 2002. Sou péssima com as datas. Mas no Brasil estava tendo muito desemprego, maior ainda em São Paulo, e eu fiz uma reportagem sobre um homem que representava, que encarnava as estatísticas daquele período. Não um homem que tinha acabado de ser mandado embora do emprego, ou seja, que estava com toda a expectativa de ter outro emprego no dia seguinte. Nem aquele homem que já estava há tanto tempo desempregado que já tinha perdido tudo. Eu encontrei um homem que estava no momento da queda, no momento em que tu começa a descobrir que talvez tu não consiga emprego e que tu começa a perder o lugar dentro de casa, tu começa a perder o lugar dentro da comunidade em que tu vive. Eu conheci o Hustene Alves Pereira, o Pankinha, e fiquei para cima e para baixo com o Pankinha, porque ele só andava a pé. Não tinha dinheiro para o ônibus e não aceitava ajuda da Prefeitura para isso, porque achava que tudo que ele tinha que ter era pelo trabalho. Almoçava na casa dele. Quer dizer: vivi um pouco a vida dele. Ficava na sacada com ele à noite, porque ele só ia para a sacada da casa, na periferia de Osasco, quando todo mundo estava dormindo, porque ele tinha medo que os colegas passassem e vissem ele dentro de casa e pudessem achar que ele era vagabundo. A gente viveu isso juntos.

Quando acabou a matéria, que foi publicada, para o Pankinha, para a mulher dele, Estela, para a família dele, era impossível

imaginar: “Que bom, acabou a matéria, tchau”. “Como assim?” Depois de viver tudo aquilo... Então eles continuaram me ligando e narrando a vida deles para mim por telefone. Não era para ser publicado, mas eles continuaram me contando a sua vida. A gente tem uma ligação até hoje. E aí aconteceu uma coisa extraordinária, que nunca tinha me acontecido: o Pankinha começou a escrever sobre mim, o que ele faz até hoje. (Risos)

Essa é maravilhosa.

Eliane Brum – É maravilhosa. Hoje é ele que escreve sobre mim. Ele faz uma crônica minha. Ele faz um imenso esforço e guarda todas as minhas matérias. Ele é um corinthiano fanático. Quando eu o conheci, ele já tinha álbuns do Corinthians maravilhosos. A história completa do Corinthians, acho que só o Pankinha tem. Caixas e caixas. Agora, ele faz assim também com as minhas matérias. E escreve. Ele compra uma agenda todo ano, que é onde ele vai escrevendo coisas sobre mim. Inverteu a situação. Muito bacana. Então, essa foi uma outra relação. (Aponta a foto do entrevistado no livro) Ele tem 40 e poucos anos. Ele desenha...

Pergunta: Tem outra questão importante, que é o efeito desse mergulho que a gente faz na vida do outro. O efeito sobre a vida dessas pessoas. Queria que você falasse sobre coisas que você percebeu, tanto pelo contato e por estar escutando, quanto por ter publicado algo sobre a vida delas. O que é que você percebe desses efeitos sobre alguém que narra a sua história de vida?

Eliane Brum – Acho que tem uma coisa importante para quem é jornalista: as pessoas sabem que a história delas vai ser publicada, que aquilo que estão dizendo vai ser publicado. Elas sabem, mas elas não sabem. E essa é a nossa responsabilidade. Uma responsabilidade enorme, porque nenhuma matéria é mais importante do que uma pessoa. E tu tem a obrigação de, por mais extraordinária que seja aquela história, aquela informação, de dizer para a pessoa o que realmente pode e provavelmente vai acontecer quando ela contar a sua história e ela for publicada no dia seguinte e milhões de pessoas lerem. Isso é mais fácil saber quando tem uma informação: tu fez uma matéria muito delicada e aquela pessoa pode morrer com aquela informação, corre risco de vida. Isso é fácil saber, qualquer um sabe. E também é fácil saber que tu tem que ter cuidado. Então, tu perde a informação e protege a vida daquela pessoa, óbvio. Mas tem coisas que são menos óbvias de saber.

Nessa história aqui, “A casa de velhos” (mostra o livro), aconteceu isso que eu vou contar: eu errei. Aqui eu conto: “Na minha mala de mão, um pedido de desculpas”. Foi o seguinte: em 2001 eu fiquei internada num asilo de velhos para contar a rotina ali e a velhice. Então eu me internei. A gente pagou a minha hospedagem e eu fiquei como os velhos que estavam lá, num asilo no Rio de Janeiro. Muito interessante, porque tinha todas as classes sociais. Era um pequeno mundo fora do mundo. Eu ficava horas todos os dias falando com diferentes hóspedes. Eu estava gravando, eles sabiam que eu estava entrevistando, sabiam que eu era da *Época*, sabiam que ia ser publicado, eu publiquei com as palavras exatas, dentro do contexto. Tudo certo, aparentemente, mas errado. Por quê? Porque, quando saiu a matéria, eles ficaram constrangidos. E aí eu me dei conta do que tinha acontecido. Naquele momento, quem eu era ali? Eu era a encarnação de um sonho. Por quê? Porque eles tinham sido colocados – muitos deles, a maioria –, contra a vontade, dentro de um asilo, porque não tinha mais espaço no mundo para eles. Eles estavam ali porque ninguém mais queria ouvir essas histórias. Ninguém achava que essas histórias eram importantes, que a sua vida era importante. E, de repente, aparece alguém com todo o tempo do mundo, dizendo que a história deles era importante e disposta a ouvi-los, a contar essa história. Então, eu era um grande ouvido ali. E eles cometeram várias inconfidências. Não inconfidências que causassem algum problema, mas inconfidências que, depois, causaram tristeza. Um exemplo: “Quando eu sonho, à noite, eu tenho sonhos eróticos com a médica”. Como é que foi para ele olhar a médica depois? E eu não me dei conta disso. Quando eu percebi o que tinha feito, fiquei muito mal. E, aí, eu deveria ter voltado lá, ter ouvido eles sobre como tinham lido a minha matéria, como eles tinham ficado tristes ou constrangidos. Eu tinha que ter feito isso.

Pergunta: Como você soube que eles ficaram tristes?

Eliane Brum – Eu soube pela assistente social. Eu mandei a revista, toda aquela coisa. E não voltei. Não consegui voltar. Fui covarde. E, aí, nesse livro, eu peço desculpas, anos depois. Para mim foi importante poder fazer isso. Fiquei esses anos todos com essa dor. Fiz com todo cuidado, com toda delicadeza, mas errei. Então, esse cuidado, sempre é importante.

Essas coisas às vezes acontecem...

Eliane Brum – É. A história do último capítulo do livro foi uma grande matéria que publiquei na *Época*, em agosto de 2008. Eu acompanhei durante 115 dias uma mulher que ia morrer. Ailce é o nome dela. Aqui. (Mostra a foto) Essa foi uma história muito dura, muito transformadora. Eu ainda me sinto de luto. Ela morreu em julho de 2008. E essa foi uma. Eu... Quando eu encontrei com ela, na casa dela, pela primeira vez, é que eu me dei conta de que eu não sabia nada do que eu tinha feito. Quando a gente se olhou a primeira vez. Era uma matéria que eu queria que acabasse o mais rápido possível, porque era muito dura aquela vivência cotidiana. A gente se falava todos os dias, se via toda semana. E, ao mesmo tempo, eu queria que essa matéria nunca acabasse, porque o final dessa matéria era a morte dela. Então, eu tinha me colocado – eu percebi nesse primeiro olhar – numa situação impossível, que também era uma situação impossível para ela, de certa maneira. E, aos poucos, tanto eu quanto ela, sem falar sobre isso, a gente foi percebendo que a única forma da nossa relação ser possível, daquele encontro ser possível e continuar, era que a gente se abrisse para o afeto. Só o afeto tornava possível aquela relação em que eu tinha que me abrir para amar alguém que eu sabia que ia perder. E ela tinha que se abrir para amar alguém sabendo que ia morrer.

A gente viveu muitos momentos, muitas coisas. Essa é uma história muito diferente. Três dias antes da morte dela, eu conto isso, ela foi para o hospital pela última vez. Então, ela disse: “Eliane, acho que a história que você está escrevendo sobre mim está chegando ao fim, não é?”. E eu não consegui dizer que: “Sim”. Fui covarde. E, aí, eu disse: “Eu vou escrever uma história linda sobre você”. E só naquele momento eu me dei conta da imensa confiança que aquela mulher... Do tamanho do que ela tinha me dado. Da imensa confiança dela. Nunca ninguém tinha confiado tanto em mim. Porque eu ia escrever essa história e ela jamais ia ler. Eu escreveria a história dela e ela estaria morta. A primeira vez que, por premissa, o personagem principal de uma reportagem, de uma história, jamais leria essa história. Foi muito grande o que ela me deu.

Nessa história, que é a última coisa que eu conto no livro, eu conto como foram os meus últimos dias com ela. Conto também isso que eu vou te falar, que é muito importante em nossa escuta. A Ailce nunca – ela tinha câncer das vias biliares – ela nunca pronunciou a palavra câncer. E eu nunca pronunciei a palavra câncer. Se eu chegasse perguntando – “Mas o seu câncer...” – eu jamais saberia que ela nunca pronunciou essa palavra. Então, esse é o cuidado que a gente tem que ter na escuta: as nossas perguntas

não atropelarem, tanto os sentimentos do entrevistado – colocar questões para as quais ele não está preparado – como fazer com que ele conte a história com as nossas palavras e não com as dele. Porque se eu falasse em “câncer”, talvez ela falasse em “câncer” e eu nunca saberia que essa não era a palavra, que essa era uma palavra impossível para ela. Eu nunca falei de morte antes que ela falasse de morte. Se eu tivesse já chegado falando da morte, eu não saberia que ela só falava da vida. O que ela mais falava era em comida, que é uma grande afirmação da vida. Então, nessa reportagem especificamente, isso fica muito claro.

Essa escuta tem que ser muito delicada. E ela tem que ser muito delicada por duas razões muito importantes: a primeira, para a gente não atropelar o entrevistado, colocar questões que ele não está preparado, mas também não correr o risco de que ele use as palavras da gente e não as dele para falar. Isso tornaria a matéria ruim. Não seria a narrativa da vida dela, seria uma outra coisa.

É um tipo de recomendação que as pessoas que trabalham com história oral fazem também.

Eliane Brum – É?

Ter muito cuidado com a pergunta para você não induzir o entrevistado a dizer um pouco o que você quer e a usar as suas palavras.

Eliane Brum – É. Porque tem as pessoas que perguntam, que fazem a coisa bem induzida, que é para o cara já responder uma coisa que se encaixa naquela tese. Mas tem essa coisa que às vezes tu pergunta e o cara incorpora a sua palavra. A gente tem meio que sumir, não é? Acho que é uma escuta meio psicanalítica que a gente faz. Tu pontua, usando as palavras da pessoa. Tenta desaparecer.

Pergunta: E as pessoas que lêem os seus textos? Existe aí também um efeito que ocorre, quando a gente entra em contato com a história de vida de outra pessoa? O que é que você percebe ou já chegou até você? Um pouco o sentido disso: de levar essas histórias para outras pessoas. O que é que você percebe?

Eliane Brum – O maior elogio que podem me fazer, quando eu fico feliz, que eu sei que fiz bem o meu trabalho, é quando as pessoas dizem: “Quando eu li a tua matéria, parece que eu tava lá naquele lugar”. “Quando eu li a tua matéria, parecia que eu conhecia aquela pessoa e tava conversando com ela”. Acho que é um pouco isso. Porque é esse mesmo exercício que a gente faz. A

gente vai despida para o mundo do outro, para a realidade outra e tu volta de lá preenchido por aquilo, faz o caminho de volta, transforma aquilo em texto e aquilo vai para o leitor. E tu tens que dar tanta informação para o leitor... Tu tiveste o privilégio de ir para um mundo que ele não foi, seja esse mundo uma pessoa ou uma realidade. Informação, eu considero textura, cheiro, gesto, silêncio, tudo que ele consiga ver. É um ver amplo - tudo aquilo que tu viste – e escutar tudo o que tu escutaste. E, aí, ele faz suas próprias escolhas e não as tuas. Tu não estás dizendo para ele: “Você tem que ver isso”. Não. Então ele pode ir por vários caminhos, os caminhos dele.

A matéria, assim como a entrevista, acontece no meio, entre você e aquela pessoa. Acho que a leitura também tem que acontecer em algum lugar no meio. É claro que são pessoas, que eu estou naquele texto e o leitor também vai estar naquele texto. Ele também vai fazer a sua leitura a partir do seu mundo. Na verdade, são várias... É a mesma história, mas são várias. Elas vão se recriando também na leitura.

Pergunta: Você já falou um pouquinho aqui, um pouquinho acolá, de como isso tudo te toca. É preciso ter coragem para estar sempre aberto e incluir outras pessoas na sua vida, não é, Eliane? Porque é isso que você está dizendo, que elas passam a fazer parte da sua vida, não é?

Eliane Brum – (Risos) Sem dúvida. Fazem parte da minha vida, sim, para sempre. (Risos) Eu acho que é duro e é a graça da história. (Silêncio)

Pergunta: E sobre o espaço para a história de vida? Algumas pessoas falam: “Não existem espaço no Jornalismo para os perfis”. Eu não concordo muito, porque existem experiências, sim, aqui e ali, em que isso vai entrando. E, às vezes, pode envolver também tomar iniciativas. Às vezes você tem que brigar para abrir espaço para um perfil, uma história de vida de alguém?

Eliane Brum – Hoje, não. Já tive. Hoje, já estou com 20 anos de reportagem, então... Claro que no começo não foi fácil, mas o espaço foi sendo construído. E eu concordo contigo. Acho que tem espaço, sim. Eu fui convidada para trabalhar na Época em 2001 – morava em Porto Alegre – para contar essas histórias. Fui convidada para fazer isso. E hoje eu tenho esse espaço, não preciso brigar para fazer isso não. É isso que se espera que eu faça.

Pergunta: Você falou de um modo de apurar que é muito mais a escuta que a pergunta. Mas você vai com algum roteiro ou

apenas senta e conversa? Você elabora algumas questões, estuda um pouco o universo sobre o qual você vai se debruçar ou não tem esse processo?

Eliane Brum – Eu tento ler tudo o que for possível sobre a realidade em que eu vou entrar. E fico pensando algumas coisas... Quando eu vou entrevistar alguém, às vezes faço uma listinha do que não pode faltar. Isso em determinadas entrevistas. Cada história exige coisas diferentes. Eu não tenho uma fórmula para tudo. Mas acho importante tu saber muito sobre aquela realidade, até para saber para onde é mais legal tu olhar e para não ser enganada por uma coisa que parece ser e não é. Eu acho que a gente tem que ir aberta. É muito importante tu ir aberto. O anti-jornalismo é aquele cara que vai com a sua tese pronta e encaixota a realidade dentro da sua tese. Para isso não precisa ir para rua. Isso é invenção. Isso, sim, é ficção. Tem que ir aberta para se espantar, para ouvir. O melhor é quando tu te espantas. Quando a tua pauta vira, quando o imprevisível acontece e tu acolhes o imprevisto. Isso, para mim, é quando eu fico mais feliz. Eu tenho que saber muito para poder me espantar, não é? Senão, qualquer coisa vai me espantar. E não devia. Então, o bom é quando tudo vira. Eu vou muito aberta.

Eu gosto muito também de trabalhar sem pauta. É mais raro, mas já tive algumas oportunidades de ir para uma realidade e tipo: “Vai e vê o que faz. Vai e vê que história conta”.

Pergunta: Ou você mesma se pauta, não é?

Eliane Brum – É, em geral, sou eu que me pauto. Claro que, às vezes, não. Aqui tem uma história em que eu fui passar um mês em Roraima sem nenhuma pauta. Em 2001. Eu fui para Brasilândia na época do *Antônia*, o filme da Tata Amaral, que teve uma minissérie na Globo. Foi em 2007. E, lá, eu fiquei morando na casa de uma benzedeira, para ver o cotidiano daquela esquina. Eu estava em busca – mas isso só ficou claro para mim lá pelo meio - da delicadeza que torna a vida possível. A vida, ali, tem muito concreto, literalmente, quase não tem árvore na periferia de São Paulo.

Verdade...

Eliane Brum – É uma vida dura também nessa literalidade, não é? É muito brutal, porque ela é violenta, as pessoas ganham pouco. Mas o que eu queria saber era qual era a delicadeza que tornava a vida possível. Senão todo mundo ia cortar os pulsos. E não cortam, não é? Eu ficava muito na escuta. Fiquei morando,

um pouco, para não ser mais um elemento tão estranho. Continuar estrangeira, mas não ser turista. Eu escrevo sobre essa diferença. E, aí, eu ficava ouvindo. Passei uns dias só ouvindo. Percebi duas coisas: como tinha história de amor e como o amor era uma coisa importante. A história de amor era uma coisa importante naquele cotidiano. Eu não tinha essa vivência na minha vida de classe média. Cada casa em que eu ia, as pessoas tinham uma história: alguém tinha fugido com alguém, eram grandes aventuras amorosas. (Risos) Então, eu vi que aquilo fazia um sentido. O amor tinha um grande lugar, as peripécias amorosas. Eu cheguei também na época de um casamento. Todo mundo ajudava. Um conseguiu o sapato, o outro, o bolo. Uma coisa louca, muito solidária.

Outra coisa que eu fui reparando, era o lugar dos cachorros nessa rua. A minha primeira estranheza foi que, na casa que eu estava, tinha o Piti, que era esse cachorro aqui. O Piti era um cachorro histérico. Ele pulava no meu colo, latia o tempo inteiro para mim, (riso) puxava a minha calça, saía correndo com o meu bloquinho na boca. E eu comecei a estranhar que ninguém tomava nenhuma providência com relação a isso. Eu já queria esganar o Piti. Prestei atenção nisso. Aí eu comecei a ver que os cachorros tinham status de gente. As pessoas falavam sobre as histórias dos cachorros e falavam nos cachorros como se eles fossem o vizinho, fossem humanos mesmo. Tinha grandes histórias dos cachorros. E histórias ligadas a uma narrativa amorosa.

Teve um cachorro que mobilizou um monte de gente no enterro dele. Ele era um salsicha e se apaixonou – isso na narrativa deles – por uma pastora alemã do borracheiro. Atravessava várias ruas para ir atrás da pastora alemão. Numa delas, morreu atropelado. Então, todo mundo suspira e diz: “Morreu por amor”. (Risos) O Piti, esse cachorro, era histérico porque era virgem. E continua até hoje. A Tuca me ligou esses dias e disse que ele continua virgem. Já tinha muitas tentativas do Piti transar e nunca dava certo. E, aí, todo mudo passava pela casa da Tuca, que era a casa onde eu estava – Dona Eugênia era a benzedeira e Tuca era a filha dela – e dizia: “E, aí, nada?”. E nada. O drama do Piti, que era virgem.

E tinha a Fany, que está aqui. Era uma cachorra ruiva, a cachorra da costureira, a Dona Elza, que também era outra história. A Fany estava com um pino na perna e agora eu soube que ela ficou com um problema na perna permanente, porque ela se atirava da laje lá de cima. Ela se atirava porque o Requenguela, que era o rei da rua, ficava latindo. No cio, a botavam na laje para não descer e ela se atirava lá de cima. E uma vez que ela se atirou por causa dos fogos do tráfico.

Quer dizer, eram muitas histórias... Então, eu descobri que essa era a minha história. Mas, para descobrir isso, eu precisei

ficar ouvindo uns dias. Para entender qual era a conversa. Como as pessoas se referiam aos cachorros, para mim foi uma coisa.. Aí, eu fui entender porque o Piti podia sair correndo com o meu bloquinho, tinha essa autonomia toda, porque eu, eu não podia esganá-lo. (Risos)

Você nunca teria descoberto nada disso se não ficasse quieta no seu canto.

Eliane Brum – E tu tens que lidar com a tua angústia. Porque, às vezes, eu também ficava profundamente entediada. E ficava: “Será que não acontece nada?”. Aí, tu vais entendendo devagar. A gente vai entendendo devagar o mundo do outro...

Eliane Brum and the art of listening

ABSTRACT

In the following interview the journalist Eliane Brum from Rio Grande do Sul (Gaúcha) describes her method of work. Eliane is the author of profiles, reports, books and documentaries that received about 60 awards in Brazil and abroad. Here she explains how the ideas of the briefing emerge and how she finds the interviewees. She also talks about his unique way of interviewing and about the relationship with the interviewees, that often does not end with the publication of the text. Going upstream of most superficial conceptions of journalism, she says that she prefers to listen rather than ask, (and she says) that her interviews are always long -because they last the time that the interviewee needs - and she is still being transformed by each report she makes.

KEYWORDS: Journalism. Interview. Report. Profile. Nonfiction book.

Eliane Brum y el arte de la escucha

RESUMEN

En la entrevista a seguir, la periodista gaucha Eliane Brum describe su método de trabajo. Eliane es autora de perfiles, reportajes, libros y documentarios que recibieron cerca de 60 premios en Brasil y en el exterior. Aquí, ella explica como surgen las ideas de pauta y como localiza los entrevistados. También habla sobre su forma peculiar de entrevistar y sobre la relación con los entrevistados, que frecuentemente no termina con la publicación del texto. Indo en la contramano de las concepciones mas superficiales del periodismo, ella cuenta que prefiere oír al revés de preguntar, que sus entrevistas son siempre largas - pues duran el tiempo que el entrevistado necesitar - y que continua sendo transformada por cada reportaje que haz.

PALABRAS CLAVE: Periodismo. Entrevista. Reportaje. Perfil. Libro-reportaje.

Referências

- BRUM, Eliane. **Coluna Prestes**: o avesso da lenda. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1994.
- _____. **O Olho da rua**: uma repórter em busca da literatura da vida real. São Paulo: Globo, 2008.
- _____. **A Vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago, 2006.

Agnes Francine de Carvalho Mariano
Doutoranda em Ciências da Comunicação pela
Universidade de São Paulo (USP)
E-mail: agnesmariano@gmail.com